

L. 25655

L. 366544 P.

P.F. 10612

116



PRIMEIRA CARTA  
APOLOGETICA,  
EM FAVOR, E DEFENSA  
das mulheres,  
ESCRITA POR DONA  
**GERTRUDES**  
MARGARIDA DE JESUS,  
AO IRMAO AMADOR  
do Dezengano,  
*Com a qual destroe toda a fabrica do seu  
Espelho Critico.*



L I S B O A :

Na Officina de Francisco Borges de Sousa.  
ANNO de 1761.

---

---

*Com todas as licenças necessarias.*

TRIMBEIRA CARTA

ALMOXARIFE  
D. J. M. S. P.

RECEBIMOS  
DE

MARCO ANTONIO DE  
SANTANA

DOIS MIL  
E QUINHENTOS  
REIS

DE

REIS

DE

Em 20 de Maio de 1800  
O Alcaide

Comarca de



# PRIMEIRA CARTA.

## APOLOGETICA.



Aríssimo Irmaõ , he a defença taõ natural em todo o genero de individuo, que ainda o mais vil insecto, quando se vê offendido , procura, pelo modo que lhe he possivel, desaggravar-se. Trilha o arrogante leaõ a humilde formiga , esta logo abrindo a garra , com ella imagina despicar-se : Assim eu agora em defença do meu sexo , quando me vejo insultada, procuro a defença com as mesmas armas , com que me vejo offendida.

Se as offensas , que V.C. incita nos defeitos, que quer mostrar na lente do seu *Espelbo Critico*, dissessem só respeito á minha pessoa , pouco , ou nenhum caso faria eu dellas ; pois ja de antemaõ estou prevenida a fazer menos apreço dos improperios dos homens ; em cujos termos sempre me lembro do que refere Policrato , que injuriando hum homem a outro, disse o injuriado: *Dize o que quizeres , que eu tenbo mandado aos ouvidos , que ouçaõ ; á lingua , que cale ; e ao animo , que esteja quieto* : Mas como saõ em dezabono de todo o meu sexo , indispensavelmente me vejo precizada a defendê lo.

He certo , que os homens nem sempre fallaõ apoyados na razaõ ; pois ententando dizerem mais  
a ii  
haja,

haja, ou não haja razaõ, sempre vão atraz de suas inordenadas paixõens. Eu me explico com o apologõ, que succedeo ao cordeirinho com o lobo. Dizem que tinhão estes feito tregõas por certo tempo, e antes que estas se findassem, se encontraraõ ambos bebendo em hum regato. Dezejava o perverso lobo quebrar as tregõas, e devo-  
 rar o cordeirinho, e para formalizar a contenda lhe disse muito sanhudo: Para que me turvas a agoa, que estou bebendo? Respondeo o cordeirinho: Senhor lobo, como posso eu turbar a V. M. a agoa, se ella traz de lá a torrente, e eu estou cá mais abaxo. Enfadou-se o lobo com a evidencia da satisfacõ, que era mais clara que a mesma agoa; e replicou assim: Pois se não ma turvas agora, lembrado estou muito bem, que ma turvastes o anno passado. Veja V. M. senhor lobo, ( tornou o cordeirinho ) que isto não pôde fer; por quanto eu tenho muy poucos mezes de idade, e ainda não era nascido o anno passado. Entaõ o lobo, não attendendo á razaõ, se tornou em cole-  
 ra, e disse: Pois se não fostes tu, seria o carneiro teu pay, e logo remetendo a elle, o levou nos dentes. Isto quasi he o mesmo, que pratica a maledicencia dos homens, e o que se vê no seu *Espe-  
 lho Critico*: buscaõ o crime na innocencia, e como o não achaõ, arrebatãõ por força, o que não pôdem levar pela razaõ.

Eu lhe torno a affirmar, amado Irmaõ, que nunca os louvores dos homens me vangloriaraõ, como tambem nunca improperios desses, a quem V. C. chama *Grandes homens, grandes sabios, e grandes*  
 Fi-



*Filozofos*, me molestarão. Que razão terey eu para me resentir delles quando vejo a hum Favonio louvar as febres quartans? A Syrencio a calva! A Policartes os ratos! A Luiz Wilichio os gafanhotos! A Betubo os mosquitos! A Miguel Psello as pulgas! E até o nada louvou André Amnonio!

Pittaco, ( a quem V. C. chamará eloquente ) empregou todo o seu espirito, e fez hum volume dos louvores da mó da atafona, sendo ella huma cousa bem tosca, bem grosseira, e bem indigna de se gastar o tempo em a louvar! Chrysippo fez hum tratado em louvor da couve! Phantias outro em louvor da urtiga! E Marciano outro louvando o rabaõm! Ora veja V. C. se assim como lhes deo para elogiarem cousas tão vis, e baixas, e em que se davaõ tão poucos motivos para os louvores; se dessem em engrandecer as mulheres, que diriaõ! O certo he, que o animo depravado, quando se expõem a mal dizer, não busca razão para apoiar sua malicia, pois não póde haver razão em que a funde.

Eu tenho por evidente, que aquelles, que com mais frequencia, e fealdade pintaõ os defeitos das mulheres, são os que mais sollicitos, e cuidadosos idolatraõ o mesmo que offendem. Veja Euripides, com quem V. C. nos argumenta: Foy este homem em summo maldizente das mulheres em quantas tragedias fez; e segundo Atheneo, era amantissimo del-las no particular, desorte que maldizia-as na praça, e adorava-as em casa. Bocacio foy extremosamente liviano, ao mesmo passo que escreveu contra ellas a violenta satyra, que intitidou: *Labyrintho do*

*Amor.* E que será isto Caríssimo Innaõ? Será acaso que com a ficção de ser deste dictame, occultar sua péssima inclinação? Será, que ha homem tão malevolo, que diz, que huma mulher não he boa, só porque ella não quiz ser má: e assim desaffoga sua execranda paixão em atrozes vinganças, abominaveis improperios, e em injuriosos testemunhos. Não digo isto sem muita reflexão; e se quer ver a confirmação desta verdade, lembre-se do lastimoso successo da formosa, e discreta Holandeza Madama Duglás, contra a qual irritado Guilherme Leout, por ella não querer condescender com sua pravedade, chegou este homem a accusá-la do nefando crime de leza Magestade, e provando-lhe o delicto com testemunhas falsas, e subordinadas a fez condemnar á morte. Deste genero são as mais das verdades, que contra as miseraveis se dizem.

Dirá V. C. que o meu argumento só convenceria, se acaso hum, ou outro homem fosse o que dissesse mal das mulheres, mas que asseverando o a mayor, e a melhor parte delles, he certo, que nem todos podem ser máos; nem as mulheres boas. Ora permitta-me (que he o que basta para V. C.) que eu lhe responda com a historia, que traz Carduzio nos seus Dialogos acerca da pintura, foy o caso: Hiaõ de jornada hum homem, e hum leão, e disputando ambos se os homens, ou os leões eraõ mais valorozos, cada qual dava vantajem á sua especie: chegando por fim a huma fonte, que estava guarnecida de jaipes, e de marmores lavrados, advirtio o homem, que entre estes se divizava a figura de hum homem do mesmo marmore despe-

daçan-



daçando hum leão: então voltando para seu competidor, como quem tinha achado contra elle hum concludente argumento lhe disse: Agora te acabará de dezenganar, que os homens são mais valentes que os leões, vendo render a vida aquelle leão ás mãos de hum homem. Bello argumento me trazes, (respondeo o leão zombando) se outro homem não fizera esta estatua: eu te juro, que se hum leão a fabricara, tu a verias absolutamente pelo contrario. Agora applique V. C. a moralidade, que está bem clara.

Como porém V. C. no seu decantado *Espeelho* só faz menção com especialidade de tres defeitos, que diz serem *Ignorancia, Variedade, ou Inconstancia, e Formozura* pelo damno, que causa; vejo-me obrigada a deixar estas generalidades, e responder a cada hum delles em particular. Farey por me explicar, e por convencê-lo.

## PRIMEIRO DEFEITO

*Ignorancia.*

**N**ÃO quero ( Caríssimo Irmaõ ) lembrar a V. C. a nenhuma frequencia, que as mulheres tem das Cortes , das Aulas , e das Universidades , que he aonde se avultaõ as letras , e apuraõ , os engenhos , cousa que sendo aos homeas taõ frequente , he rarissimo aquelle que admira. De mil , que frequentãõ as Aulas , e as Universidades apenas se encontra hum , ou outro , que faça admiracão aos mais ; quando certamente me persuado , que se ás mulheres fosse permittida essa liberdade , seria a mayor parte dellas sapientissimas ; pois vemos terem havido muitas de taõ alta comprehençaõ , e engenho , que ainda sem Mestres , e sem exercicio , tem feito admiraveis progressos , assim nas letras , como nas manufacturas. E para que senão duvide deste acerto , eu exponho algumas , entre as muitas , que pôdem abonar esta verdade. Ora vá ouvindo.

Margarida , Rainha de Navarra , amou summamente as letras , e os Sabios : foy taõ instruida , que compôs muitos papeis , tanto em proza , como em verso ; entre os quaes he bem conhecido , o que deo ao prélo com o titulo: *Novellas da Rainha de Navarra* ; Obra certamente de admiravel engenho.

Amalthea apresentou a Tarquino Soberbo nove livros compostos por ella , sobre os destinos de Roma , os quaes foraõ taõ respeitados , e tidos pe-

los



los Romanos em tanta veneração , que se crearaõ dous Magistrados unicamente destinados para os consultar nos casos mais extraordinarios.

Margarida de França, Duqueza de Berry, e de Saboya, filha de ElRey Francisco o I. aprendeo o Grego, e Latim, com taõ estranha vivacidade, que mereceo ser declarada Protectora das Sciencias, e dos Sabios; grangeou huma gloria immortal por sua grande piedade, e bondade, e pelas bellas qualidades, com que sua sabedoria, e capacidade se fazia a todos recommendavel, de forte que os seus vassallos a denominavaõ: *Mãe dos Povos*.

Lucrecia Marinella, Dama Veneziana, foy de hum incomparavel juizo, de quem ha muitas, e admiraveis obras; e entre ellas hum tratado, em que discretamente mostra o sexo femenino leva vantagem ao do homem. Peço a V. C. o queira ver, e se o não tem, como me persuado, eu lho remetterey, que o tenho em meu poder, e se ignora o idioma Italiano, em que ella o escreveo, procure-me, que eu lho farey entender.

Izabel Sofia Cheron, foy celeberrima na Musica, Poezia, e pintura, foy filha de Henrique Cheron, natural de Pariz; elle era protestante; ella porém (que nisto muito mais mostrou ser sabia) sendo de pequena instruida na mesma feita, veyo a renunciá-la espontaneamente, e abraçar a verdadeira Religiaõ. Monsieur de Brun a affociou pela sua alta capacidade, á Academia Real da pintura, e escultura: Ella aprendeo Hebreo, para mais facilmente entender o sentido dos Psalmos, e dos Canticos, que ella quiz traduzir. Morreo no anno  
de



de 1711. Deixou huma obra sua, que continha os Psalmos, e Canticos em elegante verso, enriquecidos com admiraveis figuras. O Cantico de Habacuc, e o Psalmo 133 traduzidos em verso Francez, com estampas taõ vivas, que davaõ bastante idèa da materia; e outras infinitas peças de Poczia, que todas davaõ a conhecer sua Authora, e seu raro engenho.

Anna Maria de Sehurman de Colonia, foy de taõ pasmoza indole, que de seis annos fazia figuras, debuxos, e deliniamentos admiraveis, sem mais Mestre, que a propria curiõzidade. De dez annos aprendeo a bordar no tempo de tres horas. Applicou se á Muzica, pintura, e escultura, em que fez os mais estupendos progressos. Vendo nella seu Pay taõ raro engenho lhe mandou ensinar as bellas letras: Aprendeo, e soube perfeitamente os idiomas, Latino, Grego, Hebraico, e as linguas Orientaes, que tem correlaçãõ com a Hebraea. Fallava como nacional o Francez, o Italiano, e o Inglez. Aprendeo tambem Geografia, Filozofia, Mathematica, e Teologia. Deixou entre muitas obras suas hũa Dissertaçãõ em Latim, na qual disputa esta questãõ. *Se he licito ás mulheres applicar-se ás letras?* A qual resolve com elegante estylo, e subtil engenho.

Julgo que V. C. á vista da presente Relaçãõ estará sorprendido; e tambem, que lhe estou ouvindo pedir della certidaõ: Porèm naõ fique com esse escrupulo; pois se quer achar de tudo isto a verdade consulte a Monsieur Abbade Ladvoat ( Autho de toda a veneraçãõ, e verdade ) no seu *Discionario historico*, e nelle naõ só achara as de que  
faço



faço menção, mas muitas mais, que, por não fazer-me fastidiosa, omitto: E assim seja bastante o que fica dito em resposta ao primeiro defeito: agora passo ao segundo, que he

### *Inconstancia.*

**C**onfesso que he voz cõmunissima, que as mulheres são inconstantes; como se este achaque fosse só proprio nellas, e se não achasse em muitos homens! Eu não queto eximir todas; mas o certo he que quazi tudo, quanto dellas se diz, costuma ser menos verdade, e fundamentado só na perversidade dos homens, dos quaes neste ponto pudera mostrar milhares de exemplos bem contra elles; porém como esta minha Carta só he dirigida a defender-me, e não a offender, daquella, e não desta, unicamente trato.

Parece indubitavel, que se as mulheres absolutamente fossem varias, instaveis, e inconstantes, bem desnecessario era aos Magos buscarem remedios, e encantamentos para lhes abrirem o peito, e saberem dellas pela magica, o que dellas não podem alcançar, nem com rigores, nem com affagos: por esta causa entenderão, e disserão que o coração de certa ave, e a lingua de certa savandija applicada ao peito da mulher era admiravel para conseguir este fim. Que he isto homens? Não dizeis vós, que somos inconstantes? Pois valei-vos dessa mesma variedade para satisfação do que in entais, e deixay, elles encantamentos, que são de custo, e perigosos.

De-

Defengane-se finalmente V. C., e saiba que nem tudo o que se diz he certo: lembre-se da Infanta de Ungria D. Izabel, (irmaã de D. Violante, avó da nossa Santa Izabel Rainha de Portugal) foy ella casada com Ludovico Landgrave de Hafia, e Turingia, a mavaõ se taõ fortemente, que pareciaõ ambos hum coração, e huma alma; succedendo porèm roubar a morte a Ludovico a vida, foy tanta a constancia desta Princeza, que fez admiração a toda a Corte; e para satisfazer aos reparos dos vassallos disse assim: *A nenhuma diligencia perdoei para que meu marido vivesse: porèm, visto que morreo, porque Deos Senbor N. assim foy servido, nem hum só cabello da cabeça darey para que reviva* Notavel constancia de animo por certo! Incomparavel conformidade com o beneplacito Divino!

Eu deixo em silencio huma Marianne; huma Natalia; huma Christina: naõ faço menção das Semiramis, das Zenobias; das Arrias; das Thomiris, e Artemizas, e de outras muitas, que a referit todas nunca acabaria; concluhirey porèm esta minha carta fazendo unicamente menção de Damo filha de Pithagoras. Achava-se este Filozofõ nos ultimos periodos da vida, e entregando a Damo seus escritos todos, em que se continhaõ os mais reconditos mysterios da sua Filozofia, dando-lhe com elles tambem ordem que nunca jamais os publicasse, nem sahisse do seu poder; ella lhe obedeceo de tal sorte, que ainda vendo-se reduzida a hũa extrema pobreza, e indigencia, e podendo vender aquelles papeis por avultada somma de dinhei-



ro ; quiz antes provar de constante á promessa , que fez a teu pay , que sahir das angustias da pobreza.

Naõ digo mais, (Charissimo Irmaõ) naõ porque me falte que dizer ; mas porque me vejo precizada a pôr fim a esta Carta. Naõ tenho tempo para tratar do terceiro defeito ; por que outros ministerios proprios da minha pessoa me levaõ huma grande parte d'elle. Eu mesina me obrigo, em satisfação, abono, e dezagravo do meu, sexo a fazer segunda Carta, em que conclua, e exponha , o que agora devia , a qual remeterey a V. C. para que cotejando-as com o teu *Espeelho* veja que elle, se naõ he que fica quebrado , naõ deixa com tudo de ficar assáz maculado , e offendido. Fico para servir a V. C. &c.

*Omnia sub correctione S. R. E.*

J. M. E.

F I M.

# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Doutor Fr. Joaquim de Santa Anna, Religioso Paulista, Qualificador do Santo Officio &c.*

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

**O** Bedecendo ao preceito de Vossas Illustrissimas, li as duas Cartas intituladas, digo *Apologeticas* em defeza das mulheres; e nellas não encontrey cousa alguma, que se opponha á pureza da nossa Santa Fé, ou bons costumes; pelo que as julgo dignas da licença, que se pede. Vossas Illustrissimas mandaraõ o que forem servidos. Convento doSS. Sacramento dos Religiosos de S. Paulo. 19 de Fevereiro de 1761.

*Fr. Joaquim de Santa Anna.*

**V**ista a informaçãõ, podem-se imprimir as duas Cartas, que se apresentaõ, e depois voltaraõ conferidas para se dar licença que corraõ, sem a qual não corraõ. Lisboa 27 de Fevereiro de 1761.

*Trigozo. Sliveiro Lobo. Mello. Carvalho.*



*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Bento Cordozo.  
Religioso da Ordem dos Pregadores &c.*

EXCEL. E REVER. SENHOR.

**A** Primeira, e segunda *Carta Apologetica*, que V. Excellencia me manda examinar, não contém cousa, que se opponha á pureza da Fé, ou bons costumes, antes persuadem ser a formosura hum espe-lho em que resplandece Deos, e que deve inflâmar aos homens para o louvar, e na perfeiçãõ das suas creaturas; pelo que a julgo digna de se imprimir. V. Excellencia mandarâ o que for servido. S. Domingos de Lisbõa 2. de Março de 1761.

*Fr. Bento Cardozo.*

**V**ista a informaçãõ póde-se imprimir o papel de que se trata, e depois torne conferido para se dar licença para correr. Lisbõa 3 de Março de 1761.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

D O P A C O

Approvaçãõ do M. R. Diogo Barboza Machado,  
Academico da Academia Real &c.

JOHNS ENH O R.

**E**Stas duas *Cartas Apologeticas* em defenfa das  
mulheres, não contêm coufa alguma, que im-  
pida a sua publicação. V. Mageftade ordenará o que  
for fervido. Lisboa 3. de Março de 1761.

Diogo Barboza Machado.

**Q**Ue se possaõ imprimir, vistas as licenças do San-  
to Officio, e Ordinario, e depois de impressas  
tornaráõ á Menza conferidas, para se dar licença que  
corraõ, sem a qual não correráõ. Lisboa 4. de Mar-  
ço de 1761.

D. Velho. Castello. Siqueira. Fonseca.